

## CONCEPÇÕES SOBRE CIÊNCIA E SABER NA ADMINISTRAÇÃO: DISCUSSÃO TEÓRICA E ANÁLISE DO DISCURSO DE ESTUDANTES DE DOUTORADO

*Me. Marllon Emanuel Souza Medeiros de Vasconcelos<sup>1</sup>*

*Ma. Fabiana Florio Domingues<sup>2</sup>*

*Dr. Alexandre de Pádua Carriero<sup>3</sup>*

### RESUMO

Este estudo tem como objetivo realizar uma análise do discurso sobre ciência e saber de estudantes do doutorado em administração. Na fundamentação teórica é apresentado o debate sobre ciência e saber nas ciências sociais, bem como suas implicações nos estudos organizacionais e o modelo paradigmático desenvolvido por Burrell e Morgan, bem como algumas de suas críticas. Para alcançar o objetivo proposto foi realizada uma pesquisa qualitativa com treze estudantes de doutorado que estavam no final do primeiro ano do curso. Os enunciados foram analisados por meio da análise francesa do discurso, enfatizando o contexto social da produção do discurso, as personagens discursivas e os postos, pressupostos e subentendidos. A análise indicou uma proeminência de uma concepção de ciência tradicional e positivista nos discursos, no entanto, com a presença de discursos críticos. Por fim, é defendida a pertinência de diferentes paradigmas e a abertura para o diálogo entre eles, de modo que a perspectiva positivista não permaneça livre da crítica, nem a crítica isolada em pequenos grupos acadêmicos.

**Palavras-chave:** Ciência; Paradigmas; Administração; Análise francesa do discurso.

### ABSTRACT

This study aims to conduct an analysis of the discourse on science and knowledge of doctoral students in business administration. In the theoretical foundation we present the debate about science and knowledge in the social sciences, as well as its implications in the organizational studies and the paradigmatic model developed by Burrell and Morgan, as well as some of its criticisms. To reach the proposed objective, a qualitative research was carried out with thirteen doctoral students who were at the end of the first year of the course. The statements were analysed through the French analysis of discourse, emphasizing the social context of discourse production, discursive characters and positions, presuppositions and implied meanings. The analysis indicated a prominence of a conception of traditional and positivist science in the discourses, however, with the presence of critical discourses. Finally, we defend the relevance of different paradigms and the openness to dialogue between them, so that the positivist perspective does not remain free of criticism, nor criticism is isolated in small academic groups.

**Keywords:** Science; Paradigms; Administration; French speech analysis.

<sup>1</sup> Doutorando em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

<sup>2</sup> Doutoranda em Administração, Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

<sup>3</sup> Professor Titular na Universidade Federal de Minas Gerais – UFMG

## 1 Introdução

As concepções sobre ciência e conhecimentos estão em um processo de constante transformação, especialmente no que concerne às ciências sociais, conforme indica Margolis (2004). O debate sobre o que constitui a ciência e o saber social se iniciou em torno de posições naturalistas, ou positivista, que tendem a compreender que as condições de produção de conhecimento nas ciências sociais devem ser as mesmas das ciências naturais e, como tal, devem se basear na observação e explicação de regularidades e relações causais, permitindo o teste e a refutabilidade de hipóteses. Esta posição tem sido desafiada por estudiosos que afirmam que as condições de objetividade, mesmo nas ciências naturais, não estão livres de problemáticas diante de uma análise atenta (MARGOLIS, 2004; ASTLEY, 1995).

Nestes termos, as possibilidades de objetividade dependem sempre de consensos socialmente construídos sobre o que constitui os critérios e o rigor exigido para que um saber seja considerado legítimo. Neste sentido, Margolis (2004) advoga que, desde que a ciência social opera por meio de interpretações das significações sociais, a existência de múltiplas perspectivas paradigmáticas no campo social contribuí para uma melhor exaustão das diferentes significações e interpretações possíveis da vida social.

De modo semelhante, o campo dos estudos organizacionais também é caracterizado por uma multiplicidade paradigmática, ainda que exista certa preponderância funcionalista. Astley (1985) afirma que alguns autores costumam atribuir essa variedade a um estado inicial da pesquisa na área, o que conduziu a um período pré-paradigmático na disciplina. De modo distinto, este autor acredita que esta variedade se relaciona a multiplicidade de interesses que movem os pesquisadores da área, considerando que as distintas perspectivas paradigmáticas refletem os tipos de interesses e problemas nos quais os investigadores foram treinados.

Diante destas observações, questionamos que discursos sobre ciência e saber são aceitos e reproduzidos entre estudantes do doutorado em administração, considerando que estes ocuparão posições de destaque tanto na pesquisa quanto na formação de futuros profissionais na área. Assim sendo, este estudo tem como **objetivo realizar uma análise dos discursos sobre ciência e saber de estudantes do doutorado em administração.**

O restante deste ensaio está organizado em cinco seções. Na segunda seção é apresentando brevemente o debate em torno da ciência e do saber no campo social, bem como suas implicações para os estudos organizacionais. Na próxima seção é apresentado o modelo paradigmático desenvolvido por Burrell e Morgan, largamente utilizado nos estudos

organizacionais, bem como algumas de suas principais críticas. Após a debate teórico, na quarta seção são apresentados os procedimentos utilizados na pesquisa. Na quinta seção são analisados os discursos sobre ciência e saber dos participantes da pesquisa. Por fim, na última seção são traçadas as considerações finais.

## 2 Ciência e Saber nas Ciências Sociais

Mattos (2009) compreende que os filósofos e cientistas do século XIX que colocaram em oposição a ciência e outras formas de conhecimento estavam preocupados com a chamada “questão da demarcação”, ou seja, em traçar uma linha divisória clara entre ciência e não ciência por meio de critérios objetivos e sustentáveis. Por sua vez, o prestígio de ser considerado científico sempre esteve atrelado às chamadas ciências “duras”, ou exatas, de modo que as ciências sociais precisaram pagar um preço por sua adequação metodológica.

Esta concepção naturalista sobre ciência e conhecimento estariam presentes no desenvolvimento da Administração enquanto campo de estudos. Taylor, primeiro a reivindicar o *status* de ciência para a Administração, estava embebecido pelo ideal de racionalismo dominante no século XIX. Assim, esta reivindicação se baseou na crença na razão lógica, ainda cartesiana, inseparável do método científico. Existe aqui a pretensão de certeza da ciência, e, por sua vez, o *status* de ciência foi fonte de grande legitimação social (MATTOS 2009).

A obra “A estrutura das revoluções científicas” de Kuhn, publicada em 1970, foi um ponto importante nessa discussão ao propor que ciência progride por meio de mudanças de paradigmas, e não critérios em termos racionais, objetivos e naturais (MARGOLIS, 2004). Mattos (2009) compreende que Kuhn argumentou que era impossível explicar historicamente as mudanças ocorridas nas ciências naturais ao longo dos últimos séculos pela falsificação da teoria, critério apontado por empiristas na demarcação do conhecimento científico.

A avanço desta discussão indicou que não se poderia excluir a dimensão histórica e institucional do problema. Nada haveria de permanente e único na prática metodológica dos cientistas, não haveria regras que não tenham sido quebradas e não se poderia negar nem mesmo a importância das teses fracas e até absurdas no confronto com outras melhores. O saber dos cientistas é, histórica ou culturalmente, inseparável dos outros saberes. A partir destas observações, não se pode sustentar um caráter essencialmente distinto para os saberes científicos e a própria questão da demarcação perde o sentido (MARGOLIS, 2004; MATTOS 2009).

Astley (1985) argumenta que não há acesso ao real que não seja intermediado pela linguagem e por concepções, de modo que os paradigmas científicos são formados por visões de mundo subjetivas. Uma mudança paradigmática significa uma mudança de “fé” e não necessariamente uma melhor aproximação da verdade objetiva. O que confere rigor ao conhecimento científico é justamente seu processo de rigoroso de exame de ideias por uma comunicação pública, com novas definições da verdade emergindo de consensos entre pesquisadores.

Nesta direção, Margolis (2004) propõe que cultura, linguagem e pensamento são abrangentes, a estrutura de significado e pensamento não faz nenhum sentido fora da relação parte/todo que é construído holisticamente para explicar estas estruturas de um ou outro ponto de vista. O fenômeno cultural não pode ser reduzido ao fenômeno físico. As consciências são constituídas culturalmente de modo que possam funcionar cognitivamente de acordo com as práticas de suas sociedades, portanto todas as formas de objetividade são construídas. Este pensamento caminha em direção a compreensão de que a realidade é socialmente construída por meio da linguagem e do hábito em processos intersubjetivos (BERGER; LUCKMANN, 2014).

Na ausência de critérios científicos objetivos de validade universal, Astley (1985) concebe que a avaliação de valores teóricos se torna inerentemente problemática. Sem critérios universais, as teorias necessitam voltar-se para quadros referências sociais particularistas. Desta forma, o trabalho é avaliado por meio de um apelo a padrões sociais retirados da formação dos avaliadores e sua posição em redes sociais. A ambiguidade gerada pela novidade de teorias requer um elaborado sistema de *feedback* e controle coletivo para manter certo limite de estabilidade nos padrões que mantêm o campo como uma disciplina acadêmica específica. As contribuições devem, de alguma forma, se encaixar nas tradições teóricas do campo, relacionando novas ideias a abordagens analíticas estabelecidas. Um jogo de balanceamento entre novidade e ortodoxia (ASTLEY, 1985).

Habermas (1994) apresenta outra interessante contribuição neste debate ao vincular a produção do conhecimento à existência de interesses. Neste sentido, a construção de saberes não pode ser realizada deslocada de interesses e racionalidades próprias. Esta consideração leva o autor a refletir sobre três tipos de interesse básicos para o conhecimento: interesse técnico, isto é, o controle e a previsibilidade sobre o meio ambiente, seja ele natural ou social; interesse prático, preocupando-se com a compreensão da ação social coletiva, a comunicação e a ação comum; e, por fim, o interesse crítico que se volta para as condições de emancipação do homem.

Esta compreensão avança ao considerar que o saber pode ser produzido por diferentes interesses, sem, no entanto, estarem em relação necessária de oposição, podendo ser complementares. O risco está em que apenas um destes interesses seja hegemônico, o que acontece nas sociedades contemporâneas centradas sobre o interesse técnico.

De modo distinto, Foucault (2017) aponta que o saber é inseparável das relações de poder, uma vez que sua própria constituição evoca efeitos de poder. Destarte, saber e poder entram em uma relação de pressuposição mútua, no qual o saber propicia efeitos de poder ao mesmo tempo que o poder engendra saberes. Foucault (2017, p.51-52) argumenta, assim, que “a verdade não existe fora do poder ou sem poder [...] a verdade é desse mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder”. Esta implicação entre poder e saber indica que além da linguística, a constituição de saberes é inseparável de outras dimensões da existência, sendo produzida neste mundo, no cotidiano das práticas.

Diante de muitas das considerações levantadas aqui, Margolis (2004) conclui pela pertinência de uma multiplicidade de interpretações concorrentes do mundo social. Então, uma história objetiva não seria única, mas comporia diversas histórias, que tentam exaurir, dentro do consenso do tolerável, todas as interpretações, ainda que contraditórias, com outras interpretações similarmente defensáveis.

Desse modo, para os Estudos Organizacionais, enquanto campo de produção de conhecimento, existe uma efervescência de diferentes perspectivas em sua constituição do campo de pesquisa que busca a concepção de múltiplas compreensões socialmente relevantes ao analisar as organizações como fenômenos sociais, históricos, políticos e culturais. Essa preocupação com uma perspectiva social é o que demarca a posição dos Estudos Organizacionais, colocando-se em oposição ao pragmatismo da Administração na produção de conhecimento (SARAIVA; CARRIERI, 2007).

Por seu turno, Astley (1985) argumenta que ao invés da construção de um conhecimento acumulativo, a ciência administrativa é uma coleção de tópicos frouxamente relacionados. Novos avanços teóricos não parecem acumular com achados anteriores, mas sim contribuir para a grande variedade paradigmática no campo. A variedade de perspectivas nos estudos administrativos se relaciona à multiplicidade de interesses que movem os pesquisadores da área. “Teorias de interesses” refletem os tipos de interesses e problemas nos quais os investigadores foram treinados. Apesar desta variedade epistemológica, é bom observar que nos estudos administrativos há uma predominância positivista/funcionalista indicada por estudos como os de Mariz *et al* (2005) e Birochi, Silva e Domingues *et al* (2012), por exemplo.

Na próxima seção é apresentado o modelo paradigmático proposto por Burrell e Morgan (1979), largamente utilizado nos estudos organizacionais.

### 3 Modelos de Análise de Paradigmas - Burrell e Morgan

Burrell e Morgan (1979) desenharam um modelo de análise paradigmática que tem sido amplamente utilizado nos estudos organizacionais. Para tal, recuperam distinções em aspectos ontológicos, epistemológicos, sobre a natureza do homem e sobre metodologias. A partir destes aspectos sobre a concepção de ciência carregada por teóricos e pesquisadores, os autores desenharam quanto linhas de debates onde firmaram posições opostas.

A primeira linha se refere ao debate ontológico e distingue entre nominalismo e realismo. A posição nominalista afirma que para além da cognição do indivíduo, o mundo externo corresponde a nomes, categorizações e conceitos utilizados para estruturar o mundo social que eles descrevem. Por sua vez, a posição realista sustenta que o mundo social externo a cognição dos indivíduos é real e constituído por estruturas tangíveis e estáveis. Na perspectiva realista o mundo social existe independente da apreciação cognitiva dos indivíduos sobre ele (BURRELL; MORGAN, 1979).

Outra linha de oposição apresentada por Burrell e Morgan (1979) está no debate epistemológico, no qual se encontram as posições positivistas e anti-positivistas. O positivismo demarca posições sobre o conhecimento que busca explicar e predizer por meio de regularidades e relações causais. O conhecimento é visto como um processo acumulativo a partir de novas descobertas e eliminação de hipóteses falsas. Por sua vez, epistemologias anti-positivistas, compreendem que as ciências sociais se realizam sob bases subjetivas e não-objetivas, rejeitando a busca de leis ou regularidades nas práticas sociais.

No que se refere à natureza do homem, Burrell e Morgan (1979) acreditam que os paradigmas se dividem entre voluntarismo e determinismo. Uma perspectiva determinista compreende o homem e a ação humana como determinados pelas condições ambientais e estruturais. Já a posição voluntarista percebe o homem como autônomo e livre em sua ação no mundo social. Estas concepções delimitam a forma como a relação do homem com a sociedade é vista dentro de determinado paradigma.

Por fim, o debate metodológico se dá entre abordagens ideográficas e monotécnicas. Abordagens monotécnicas utilizam técnicas e protocolos de pesquisa sistemáticos, baseando-se em metodologias aplicadas às ciências naturais. Por seu turno, uma abordagem ideográfica

assume que o mundo social só pode ser entendido por um conhecimento direto sobre a questão investigada, assim busca-se uma inserção nas situações estudadas e apreciação do cotidiano da vida social (BURRELL; MORGAN, 1979).

Estas quatro linhas de debate fornecem o primeiro eixo da análise paradigmática desenvolvida por Burrell e Morgan (1979). Os autores distinguem entre perspectivas paradigmáticas objetivas (realistas, positivistas, deterministas e monotécnicas) e subjetivas (nominalistas, anti-positivistas, voluntaristas e ideográficas). Ainda que admitam que determinadas teorizações podem se afastar destes pontos extremos, Burrell e Morgan (1979) argumentam que uma destas posições sempre é preponderante.

O outro eixo que guia o modelo de análise paradigmática de Burrell e Morgan (1979) refere-se aos pressupostos sobre a natureza da própria sociedade. Nestes sentidos os paradigmas podem ser distinguidos entre aqueles que se voltam para “regulação” ou para a “mudança radical”. Paradigmas voltados para a “regulação” almejam prover explicações sobre a sociedade enfatizando a harmonia, unidade e coerência. De modo oposto, paradigmas da “mudança radical” voltam-se para explanações sobre a mudança social, tendo como foco conflitos e contradições estruturais e modos de dominação. As perspectivas da “regulação” almejam perpetuar as condições de normalidade, não desafiando o *status quo*. Já perspectivas da “mudança radical” voltam-se para as potencialidades, explorando alternativas ao invés de aceitar o *status quo*.

Destarte, o modelo paradigmático proposto por Burrell e Morgan (1979) compõe um quadro no qual o primeiro eixo se opõe objetividade e subjetividade e no segundo eixo se divide entre “regulação” e “mudança radical”. A partir deste modelo os autores distinguem quatro principais paradigmas utilizados nas ciências sociais e estudos organizacionais, cada um localizado em um dos quatro quadrantes do modelo.

O primeiro destes paradigmas é o Funcionalista, firmemente associado à sociologia da “regulação”, tendo como ênfase prover explicações sobre o *status quo*, voltando-se para temáticas como ordem social, consenso e integração social. O paradigma funcionalista também está associado a uma perspectiva objetiva, tendendo a ser realista, positivista, determinista e monotécnico. É comum uma orientação pragmática, voltada para solução de problemas práticos e o controle social (BURRELL; MORGAN, 1979).

O paradigma interpretativo é o segundo apresentado por Burrell e Morgan (1979). Este paradigma parte de uma premissa subjetiva, ou seja, por meio de uma abordagem que tende a ser nominalista, anti-positivista, voluntarista e ideográfica. O interpretativismo vê o mundo

social como um processo social emergente e o compreende no nível da experiência subjetiva. Assim sendo, o mundo externo representa apenas um conjunto de sentidos compartilhados intersubjetivamente. Apesar de suas divergências com o funcionalismo, o interpretativismo também estaria ligado a sociologia da regulação, ainda que de modo menos explícito, já que seu ponto de partida considera o mundo social integrado, coerente e coesivo.

O terceiro paradigma delimita o que Burrell e Morgan (1979) denominam Humanismo Radical. Assim como o interpretativismo, o humanismo radical se aproxima do mundo social por meio de uma abordagem subjetiva, tendendo a ser nominalista, anti-positivista, voluntarista e ideográfico. Porém, o humanismo radical está no polo de mudança radical, o que implica um comprometimento com modos de transpor as limitações da ordem social atual. Uma das noções predominantes deste paradigma é que a consciência humana é dominada por superestruturas que conduzem a alienação e impedem uma verdadeira consciência, de modo que a emancipação de tais constrangimentos é um de seus principais objetivos. Destarte, modos de dominação, emancipação e potencialidades para o desenvolvimento humanos são temáticas constantes.

Por fim, o último paradigma apresentado Burrell e Morgan (1979) é o estruturalismo radical. Este paradigma compartilha da abordagem objetiva do funcionalismo (tende a ser realista, positivista, determinístico e monotécnico), no entanto é comprometido com a “mudança radical”. Isto implica que no estruturalismo radical estão presentes temáticas como emancipação, potencialidades e modos de dominação. Dado seu caráter objetivo, o estruturalismo radical volta-se para relações estruturais dentro de um mundo social percebido como real, enquanto o humanismo radical tem ênfase central na consciência humana.

Estes quatro paradigmas (funcionalismo, interpretativismo, humanismo radical e estruturalismo radical) representam os pontos extremos do modelo paradigmático de Burrell e Morgan (1979). Deve-se observar que para estes autores estes paradigmas representam visões sobre o mundo incompatíveis e contrastantes, de modo que não é possível um diálogo entre eles. Esta é a tese da incomensurabilidade. Burrell e Morgan (1979) argumentam que tentativas de conciliar estas perspectivas paradigmáticas geralmente conduzem a eliminação de suas características, por exemplo, a retirada da ênfase no conflito e na transformação social, na sociologia da “mudança radical” em prol de uma releitura que enfatize a harmonia e integração.

A tese da incomensurabilidade tem sido uma das fontes de críticas ao modelo de Burrell e Morgan (1979), visto que ela implica em uma impossibilidade de diálogos e complementariedade entre os paradigmas. Alvesson e Willmott (1992) argumentam, por



exemplo, que a ausência de diálogo entre os paradigmas permite que o funcionalismo continue hegemônico e pouco criticado dentro dos estudos organizacionais, enquanto estudiosos de perspectivas críticas continuam fechados em seus próprios círculos.

Neste sentido, Paula (2013) desenvolve uma argumentação que busca superar os problemas paradigmáticos e a tese da incomensurabilidade deixados por Burrell e Morgan (1979). Baseada na teorização promovida por Habermas, a autora propõe que o conhecimento pode ser guiado por três distintos conjuntos, ou matrizes, de interesses. A matriz empírico-analítica que se volta para o interesse técnico, isto é, o controle e a previsibilidade sobre o meio ambiente, seja ele natural ou social. Por sua vez, a matriz hermenêutica está relacionada ao interesse prático, preocupando-se com a compreensão da ação social coletiva, a comunicação e a ação comum. Por fim, e a matriz crítica foca no interesse emancipatório, almejando contribuir para a emancipação humana ao entender e enfrentar as forças sociais de dominação.

Paula (2013) defende que ao invés de incomensuráveis, estas matrizes representam partes de um todo que deve ser integrado. Cada posicionamento nas matrizes enfatiza alguns elementos da realidade social ao mesmo tempo que ignoraria outros, de modo que deslocamentos para outros pontos nas matrizes permitem uma complementariedade. A tese da incompletude cognitiva afirma que não é possível atingir todo o conhecimento por meio de uma abordagem, de modo que outras abordagens capitam outros aspectos da realidade social.

## 4 Procedimentos de Pesquisa

Após a apreciação acerca do debate teórico sobre ciência e saber no campo social e nos estudos organizacionais, foi desenhada esta pesquisa de campo. Conforme indica Merriam (1998), um dos pressupostos filosóficos fundamentais da pesquisa qualitativa é o de que a realidade é construída pelos indivíduos em suas interações sociais. Isto implica que pesquisas qualitativas buscam compreender como os indivíduos percebem seu mundo e suas experiências neste. Além disto, como acena Creswell (1997), pesquisas qualitativas, investigam problemas sociais ou humanos, enfatizando a necessidade de uma visão ampla e complexa do fenômeno estudado. Destarte, a pesquisa realizada neste estudo foi de caráter essencialmente qualitativo.

Os sujeitos da pesquisa foram treze doutorandos em administração no final do seu primeiro ano do curso. Os dados foram coletados por meio de do preenchimento de formulários, quer fisicamente, quer por meios digitais, durante o mês de dezembro de 2017. O formulário foi composto por questões abertas, almejando que os participantes pudessem se expressar sem

restrições, relacionadas às concepções sobre ciência e saber antes e após a experiência no doutorado, bem como sobre experiências que tenham colaborado com alguma mudança nesta concepção.

Para a análise dos dados foi realizada uma análise do discurso com inspiração francesa. Conforme indica Brandão (2002), a análise francesa do discurso preconiza um quadro teórico que une o linguístico ao sócio histórico, ambos aspectos pertinentes ao objetivo deste estudo. Na análise foram considerados os elementos discursivos apresentados por Faria e Linhares (1993) e Pauliukonis (2006), dando ênfase aos personagens discursivos, posto, pressuposto e subentendido.

## **4 Análise do Discurso e Discussão**

Nesta seção são discutidos os elementos discursivos presentes nos enunciados sobre ciência e saber dos participantes da pesquisa. Os participantes e suas respectivas falas são identificados como E1, E2, E3... e assim por diante, objetivando manter seus anonimatos. Considerando que na análise francesa do discurso os elementos linguísticos e sócio históricos estão entrelaçados, a análise se inicia por uma breve discussão do contexto social da produção dos discursos analisados. Posteriormente são apresentados personagens discursivos criados e os postos, pressupostos e subentendidos presentes nos discursos dos participantes.

### **4.1 Produção social do discurso**

Os sujeitos da pesquisa foram estudantes do doutorado em administração no final de seu primeiro ano no curso. Como tal, os participantes já haviam passado pela experiência acadêmica de conclusão de um mestrado e pela realização de pesquisa na forma de dissertação, trabalho acadêmico que geralmente exige uma implicação maior do pesquisador, envolvendo etapas de legitimação por meio de bancas de defesa.

Além disto, os participantes estavam concluindo seu primeiro ano de doutorado, no qual, no Programa de Pós-graduação em questão, estão concentradas todas as disciplinas obrigatórias do curso. Destarte, os sujeitos da pesquisa haviam concluído disciplinas diretamente relacionadas à ciência e saber no campo dos estudos organizacionais. São obrigatórias as disciplinas de “Filosofia da Ciência”, “Teoria das Organizações” e “Métodos de Pesquisa”, além das obrigatórias de cada linha de pesquisa.

O Programa de Pós-graduação no qual estudam os participantes desta pesquisa conta com seis linhas de pesquisa, a saber: Gestão Organizacional e Tecnologias Gerenciais; Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional; Estudos Organizacionais, Trabalho e Sociedade; Gestão de Operações e Logística; Estratégia, *Marketing* e Inovação; e, finalmente, Finanças. Considerando os diferentes interesses de pesquisas e orientações gerais de cada linha de pesquisa é de se esperar diferenças nas percepções sobre ciência e saber de seus membros. Destacamos, por fim, que todas estas disciplinas obrigatórias tratam, em algum nível, sobre concepções de ciência e saberes. Este ponto será melhor analisado nas próximas seções.

## 4.2 Personagens discursivos

Conforme Faria e Linhares (1993), personagens discursivos são distintos pontos de vistas ou perspectivas presentes no discurso. A criação destes personagens corresponde a uma estratégia de persuasão, já que o locutor organiza estas vozes para se identificar ou se opor a elas na construção discursiva.

A “ciência” aparece como o personagem discursivo mais apresentado. Ela frequentemente construída nos discursos dos entrevistados como “o método/estudo/produção do conhecimento” (E2, E3, E6, E7, E8, E9, E10, E11). Destarte, nos discursos há uma forte ligação entre “ciência” e conhecimento, sendo frequente o uso de referências como “sistemático”, “aprofundado”, “rigoroso”, “imparcial”. Persevera na construção do personagem “ciência” nestes discursos uma imagem de ciência tradicional, objetiva e monotécnica.

Menos comum foi a construção da “ciência” nos discursos enquanto elemento culturalmente e historicamente construídos e dependentes de consensos. No entanto, estas perspectivas também estiveram presentes, apresentado a “ciência” como uma construção social (E4), fator político (E6), forma de dominação (E11), influenciada pela realidade do pesquisador (E10) e como uma forma de relação humana (E13). De modo semelhante, “O *mainstream* da academia” também aparece como um personagem discursivo indicando aquele que estabelece quais as normas de legitimação do que é científico (E1).

Entre os pesquisados que apresentaram outras perspectivas na construção do personagem “ciência”, dois (2) pertencem a linha de pesquisa “Estudos Organizacionais, Trabalho e Sociedade”, um (1) pertence a linha Gestão Organizacional e Tecnologias Gerenciais (uma subdivisão também relacionada aos Estudos Organizacionais), um (1) pertence a linha Gestão

de Pessoas e Comportamento Organizacional e um (1) pertencente a linha Estratégia, *Marketing* e Inovação.

A “sociedade” aparece como um personagem no discurso de E1 e E9, sendo apontada como aquela para a qual as descobertas científicas devem contribuir. De modo semelhante, o “ser humano” aparece como um personagem no discurso de E3, sendo criado neste como o elemento a ser valorizado por meio da atividade de pesquisa. A forma como estes personagens são criados no discurso revela uma visão de um comprometimento moral da ciência, seja com a sociedade, ou com o ser humano. Este comprometimento moral pode ser estranho a uma visão tradicional da ciência que se compreende como axiologicamente neutra, negando um lugar à moral na prática científica.

Por fim, as “disciplinas” do doutorado são apresentadas nos discursos como experiências que colaboram para ampliar perspectivas e visões sobre a ciência e saber (E4; E5; E6; e E10), com destaque para disciplina de “Teoria das Organizações” obrigatória no primeiro semestre do curso (E4; E6). Outra personagem com função similar é a discussão com os “pares” criado pelo E13. Assim, nestes discursos há a valorização do ambiente acadêmico, nas disciplinas e no debate com os pares, como um meio de prover experiências que ampliam visões e perspectivas sobre ciência e pesquisa.

### 4.3 Posto, pressuposto e subentendido

Nesta subseção são analisados os postos, pressupostos e subentendidos presentes nos discursos dos participantes. O posto corresponde ao que está dito no enunciado, ou seja, o que está expresso literalmente no texto. Por sua vez, o pressuposto é um implícito linguístico ou semântico, isto é, são informações que podem ser recuperadas linguisticamente. Como o pressuposto é um implícito linguístico ou semântico ele não pode ser negado pelo locutor. Por fim, o subentendido é um não-dito relacionado ao contexto ou à situação, que não pode ser recuperado linguisticamente, mas é insinuado na enunciação, de modo que o subentendido depende sempre de interpretação e pode ser negado pelo locutor (FARIA; LINHARES, 1993; PAULIUKONIS, 2016).

E1, participante da linha de pesquisa “Estratégia, *Marketing* e Inovação”, afirma que antes de entrar no doutorado sua concepção sobre ciência correspondia à: “Teste de teoria. Desenvolvimento de novas pesquisas por pesquisa exploratória. Verificação de hipóteses e generalizações. Descobertas que contribuem para a sociedade, práticas (engenharia,

biologia...). O posto nesta afirmação é que a ciência corresponde à teorização que pode ser testada e generalizada. O pressuposto de tal afirmação é que teorização que não pode ser testada não é científica. Esta seria uma posição naturalista/positivista sobre as ciências sociais, partindo de uma postura objetivista. Há também neste enunciado um subentendido, já que ao apresentar exemplos práticos sobre ciência o locutor recorre à “engenharia, biologia...”, disciplinas normalmente consideradas exatas. Fica implícito no enunciado que os métodos das ciências naturais devem ser os guias para prática de pesquisa, mais uma vez realçando uma postura naturalista.

No entanto, E1 afirma que sua concepção sobre ciência mudou durante o doutorado e que agora a compreende como o que é “estabelecido pelo *mainstream* da academia, mesmo que eu não concorde”. O subentendido deste enunciado é o de que a ciência é uma construção social, um consenso estabelecido por alguns, o *mainstream*, sendo, portanto, uma convenção social que é histórica e cultural. Ao relatar as experiências que possibilitaram E1 mudar sua visão sobre ciência, o participante enuncia: “Não poder ter/oferecer ideias novas para pesquisa. Usar apenas as ideias do *mainstream*”. Um pressuposto deste enunciado é o de E1 buscou ter/oferecer novas ideias de pesquisa e que ele foi “podado” por representantes do “*mainstream*”. Subentende-se que experiências e frustrações com a prática científica, dado os limites impostos por convenções, podem despertar questionamentos sobre a natureza da própria ciência enquanto meio de construção de conhecimento.

Já E2, também membro da linha de pesquisa “Estratégia, *Marketing* e Inovação,” declara que antes da experiência com o doutorado sua concepção era: “ciência é o estudo/produção do conhecimento”. O posto neste enunciado é o de que ciência é a forma legítima de produção de conhecimento. Nestes termos, fica subentendido que não existem outras formas de produção de conhecimento legítimas. O enunciado, ainda que de forma indireta, afirma um monopólio científico na produção do conhecimento. E2 afirma ainda que sua concepção sobre ciência não mudou com as experiências do doutorado.

De modo semelhante, E3 concebe a ciência como “forma organizada de obtenção do conhecimento”. O subentendido, aqui, é o de outras formas de obtenção de conhecimento não seriam organizadas. Apesar de afirmar que sua concepção “não mudou muito”, E3 afirma que “experiências como outras linhas e métodos apenas ampliaram a minha visão, saindo do ‘modelo’ positivista”. É um pressuposto deste enunciado que E3 estava em um “modelo” positivista. Por sua vez, há uma contradição entre afirmar por um lado que sua concepção sobre ciência “não mudou muito” e apenas “ampliaram a minha visão” e por outro afirmar estar

“saindo do ‘modelo’ positivista”. Subentende-se uma primazia do “modelo” positivista, para o qual outras perspectivas e métodos apenas ampliam a visão. E3 é membro da linha de pesquisa “Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional”.

Por sua vez, E4, também participante da linha de pesquisa “Gestão de Pessoas e Comportamento Organizacional”, anuncia que compreendia ciência como “um procedimento rígido de pesquisa”. Está posto uma compreensão tradicional de ciências, destacando o elemento monotécnico desta concepção. Porém, após o primeiro ano de doutorado E4 afirma: “hoje percebo que ciência é uma construção social bem mais ampla, com vários paradigmas”. Aqui existe o pressuposto que antes E4 não compreendia a ciências como uma construção social. Por sua vez, como construção social, fica subentendido que a ciência é histórica e depende do consenso daqueles que a constroem. Está presente no discurso a passagem de uma perspectiva naturalista/positivista/monotécnica para uma interpretativista ou construtivista.

E5 afirma a ciência ser o “estudo de fenômenos baseado em evidências empíricas e com rigor metodológico e objetivos de pesquisa bem definidos”. Fica subentendido que estudos que não são baseados em evidências empíricas não são científicos. Fica em destaque uma compreensão de ciência naturalista/positivista, objetiva e monotécnica. Esta percepção não teria mudado ao longo do doutorado. Destaco que E5 pertence a linha de pesquisa “Gestão de Operações e Logística”, normalmente associada a uma postura tradicional, prática e mesmo quantitativa sobre ciência e saber.

De modo não muito diferente, E6 afirma que sua concepção sobre ciência era a do “conhecimento provado e fundamentado”. É um pressuposto deste anunciado que o conhecimento pode ser “provado”, fica subentendido que a necessidade de testes empírico na construção do conhecimento e que o teste empírico “comprova” o conhecimento. No entanto, após o primeiro ano do doutorado E6 afirma: “ciência contínua sendo conhecimento fundamentado, mas acrescento o fator político”. É um pressuposto deste enunciado que a ciência é influenciada por questões políticas, ainda que continue sendo fundamentada. Subentende-se que ainda percebe a ciência como o teste e comprovação, não entanto admite interferências políticas neste processo. E6 também é pertencente a linha de pesquisa “Gestão de Operações e Logística”, porém, suas experiências durante o doutorado parecem terem mudado seu discurso sobre ciência.

Também pertencente a linha de pesquisa “Gestão de Operações e Logística”, E7 afirma a ciência ser o “conhecimento [...] teoria mais dados numéricos”. Um pressuposto deste enunciado é o de que não há conhecimento fora da ciência. Subentende-se que qualquer

reivindicação de conhecimento deve ser aceita como científico para ser legítimo. Há também o pressuposto de que a “teoria” só tem validade com “dados numéricos”. Existe aqui uma aproximação de uma perspectiva naturalista/positivista mais extrema, na qual para ser científica há a necessidade de ser quantificável.

E8 afirma: “minha concepção de ciência era no sentido de ter conhecimento aprofundado sobre algo” e depois do primeiro ano do doutorado “continua a mesma”. Está posto uma perspectiva naturalista/positivista sobre ciência, que a equipara a um conhecimento neutro, objetivo. Fica subentendido que só se tem conhecimento aprofundado por meio da ciência. Mais uma vez, há um subentendido de um monopólio científico do conhecimento. E8 linha de pesquisa “Finanças”, cujo interesses de estudos são geralmente quantitativos e práticos.

E9 afirma a ciência como o “compromisso em gerar conhecimento que contribua para a qualidade de vida e para o desenvolvimento da sociedade”. Um pressuposto deste enunciado é o que um conhecimento que não contribua para a qualidade de vida e o desenvolvimento da social não é científico. Há, aqui, um subentendido de que para que o conhecimento seja aceito como científico não depende apenas de seu conteúdo, sendo necessário também um comprometimento ético e moral. Esta perspectiva é oposta a visão tradicional de ciência, que reivindica uma neutralidade axiológica. Destaco que é E9 participa da linha de pesquisa “Gestão Organizacional e Tecnologias Gerenciais”, subdivisão de Estudos Organizacionais, o que é condizente com uma postura crítica sobre ciência.

Também pertencente à linha “Gestão Organizacional e Tecnologias Gerenciais”, E10 afirma a ciência como “conhecimento profundo e imparcial sobre determinado tema”. Um sobreposto deste enunciado é o de que o conhecimento pode ser imparcial, se aproximando de uma perspectiva tradicional de ciência. Entretanto, após o primeiro ano do doutorado E10 passa a compreender a ciência como “conhecimento profundo sobre determinado tema, influenciado pela realidade e pelo pesquisador”. São pressupostos deste segundo enunciado que a ciência é influenciada pela realidade e pelo pesquisador. Fica subentendida que ciência é uma construção social, que depende do contexto social e de questões subjetivas do próprio pesquisador.

E11 pertence a linha de pesquisa “Estudos Organizacionais, Trabalho e Sociedade” e afirma conceber a ciência como “uma forma de dominação do conhecimento”. Está subentendido que ciência é uma forma de dominação, o que indica um aspecto político do conhecimento. Após o primeiro ano de doutorado E11 indica “começo a respeitar. Não mudou muito, mas a ciência me remete a método”. Primeiro subentendido é o de que E11 não respeitava, e ainda não respeita, a ciência. Outro subentendido é o de ciência se resume a

método, mais uma vez enfatizando seu aspecto de restrição e dominação do conhecimento. Esta perspectiva contundentemente mais severa e crítica sobre ciência é condizente com posturas da linha de pesquisa na qual participa E11.

E12 afirma que antes do doutorado concebia ciência como “produto do conhecimento gerado por pesquisa séria e rigorosa, de forma imparcial”. É um pressuposto deste enunciado é o de que conhecimento pode ser imparcial e objetivo, próximo a visão tradicional de ciência. Após o primeiro ano do doutorado E12 concebe que “as questões de rigores e seriedade continuam presentes, mas a certeza que a pesquisa qualitativa sempre poderá ser questionada por aqueles que acreditam que a ciência seja sempre neutra”. É um pressuposto deste enunciado que a pesquisa qualitativa não é neutra, no entanto fica subentendido que pesquisa quantitativa o pode ser. Por sua vez, fica subentendido, também, que E12 não mais acredita que a ciência seja sempre neutra. E12 também participa da linha de pesquisa “Estudos Organizacionais, Trabalho e Sociedade”.

Por fim, E13, participante da linha de pesquisa “Estudos Organizacionais, Trabalho e Sociedade”, declara que concebia ciência com “a forma organizada de conhecer o mundo”. Neste enunciado fica o pressuposto de que outras formas de conhecer o mundo, além da ciência, não seriam organizadas. Esta concepção, se aproxima também, da forma tradicional de compreender ciência, como procedimento organizados na construção de conhecimento. Porém, após o primeiro ano do doutorado E13 afirma que compreende ciência como “qualquer relação humana que se proponha a discutir a realidade”. Enquanto “relação humana”, subentende-se que a ciência é uma construção social. A ênfase do enunciado se desloca de “procedimentos organizados” para “relação social”, o que indica um afastamento de uma perspectiva objetiva e positivista da realidade e uma aproximação a uma perspectiva interpretativista e anti-positivista.

## 5 Considerações Finais

O objetivo deste estudo foi o de realizar uma análise do discurso sobre ciência e saber de doutorandos em administração. Para tal, recorreremos a uma pesquisa com treze doutorandos no final do primeiro ano do doutorado. Os enunciados, posteriormente analisados por meio da análise francesa do discurso, foram coletados mediante formulários com questões abertas sobre ciência e saber. Na análise do discurso consideramos os elementos destacados por Faria e Linhares (1993) e Pauliukonis (2016), o contexto social da produção do discurso, os personagens discursivos e os postos, pressupostos e subentendidos.



Quanto às personagens discursivas, perspectivas e vozes criadas no discurso como meio de persuasão, a principal foi a construção da própria personagem “ciência”. A “ciência” foi construída principalmente como o conhecimento legítimo, sendo associada ao rigor metodológico, imparcialidade e profundidade. Percebemos aqui uma hegemonia de uma perspectiva naturalista/positivista, objetiva e monotécnica da personagem “ciência”. No entanto, houveram outras construções sobre a “ciência” que enfatizaram seu aspecto socialmente construído, demarcando-a como uma construção social, fator político, relação humana, consenso do *mainstream* e dominação.

Outras personagens também foram a “sociedade” e o “ser humano”, ambos representando os elementos com os quais a ciência e a pesquisa devem se comprometer. Estas personagens estiveram presentes em poucos discursos, mas demonstram um afastamento da visão tradicional de ciência e da afirmação de uma neutralidade axiológica. Também apareceram como personagens as “disciplinas do doutorado” e relação com os “pares”, ambas indicando possibilidades de ampliação da visão do mundo das concepções ciência e saber.

Em relação aos postos, pressupostos e subentendidos, análise demonstrou a presença de pressupostos e subentendidos que confirmam uma perspectiva de ciência como uma atividade positivista, objetiva e monotécnica. Foram enfatizados elementos como testabilidade, imparcialidade, rigor metodológico e mesmo quantificação da realidade. No entanto, as análises apontam uma mudança em alguns discursos após a experiência com o doutorado, passando a enfatizar elementos socioculturais na construção do saber. Esta mudança em direção a uma perspectiva interpretavista e subjetiva sobre ciência foi associada às experiências com as disciplinas no doutorado, discussões com os pares, e mesmo frustrações com as restrições na atividade de pesquisa.

Por fim, concluímos que apesar de haver uma proeminência de uma visão tradicional nos discursos sobre ciência e saber dos participantes da pesquisa, outras perspectivas se fazem presentes e ganham espaço ao longo do doutorado. Os diferentes paradigmas, ou abordagens sociológicas, presentes nos estudos organizacionais contribuem para exaurir as possibilidades de significações e interpretações presentes na realidade social e organizacional, como indica Margolis (2004). Mas para que tais potencialidades sejam melhor exploradas, haver é preciso a concepção de mais espaços de diálogo que permitam a comunicação e crítica entre adeptos das diferentes abordagens. Caso contrário, pode se permanecer em uma situação de hegemonia funcionalista isenta de crítica, ao mesmo tempo que persiste uma crítica isolada e restrita em determinados ciclos acadêmicos.

## Referências

- ALVESSON, M.; WILLMOTT, H. On the idea of emancipation in management and organizational studies. **Academy of Management Review**, Briarcliff Manor, v. 17, n. 3, 1992.
- ASTLEY, W. G. Administrative science as socially constructed truth. **Administrative science quarterly**, Ithaca, v. 30, n.4, 1985.
- BERGER, P. L.; LUCKMANN, T. **A construção social da realidade** 36<sup>a</sup> ed. Petrópolis: vozes, 2014.
- BIROCHI, R.; SILVA, M.; DOMINGUES, F., B, A.; S, R. Mapeamento de abordagens epistemológicas em publicações sobre estratégia organizacional. **Revista Eletrônica de Estratégia & Negócios**, [S.l.], v. 5, n. 3, p. 259-279, dez. 2012. Disponível em: <<http://www.portaldeperiodicos.unisul.br/index.php/EeN/article/view/1184/1037>>. Acesso em: 16 maio 2018. doi:<http://dx.doi.org/10.19177/reen.v5e32012259-279>.
- BRANDÃO, H. H. N. Introdução à análise do discurso. 8<sup>a</sup> ed. Campinas, São Paulo: Editora da Unicamp, 2002
- BURRELL, G.; MORGAN, G. **Sociological Paradigms and Organisational Analysis**. Elements of the Sociology of Corporate Life. Vermont: Ashgate, 1979.
- CRESWELL, John. **Qualitative inquiry and research design: choosing among five approaches**. Thousand Oaks: Sage, 1997.
- FARIA, A. A. M. de; LINHARES, P. T. F. S. O preço da passagem no discurso de uma empresa de ônibus. **Cadernos de Pesquisa do NAPQ**, n. 13, v, 10, 1993.
- FOUCAULT, M. Verdade e poder. In: \_\_\_\_\_. **Microfísica do poder**. 5<sup>a</sup> Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra; 2017a. P. 35-54.
- HABERMAS, J. **Técnica e Ciência como Ideologia**. Edições 70, Lisboa. 1994.
- MATTOS, P. L. C. L. “Administração é ciência ou arte? ”: o que podemos aprender com este mal-entendido? **RAE**, n. 3 v. 49, 2009.
- MARGOLIS, J. Knowledge in the humanities and social sciences. In: MINILUOTO, I, SINTONEN, M.; WOLENSKI, J. (ED). **Handbook of epistemology**. Dordrecht: Springer, 2004. P. 607-645.
- MARIZ, L. A; GOULART, S.; REGIS, H. P.; DOURADO, D. O reinado dos estudos de caso na Teoria das Organizações: imprecisões e alternativas. **Cad. EBAPE.BR**, Rio de Janeiro, v. 3, n. 2, p. 01-14, 2005.
- MERRIAM, Sharan B. **Qualitative research and case study applications in education**. San Francisco: Jossey-Bass, 1998.
- PAULA, Ana Paula Paes. Repensando os estudos organizacionais: o círculo das matrizes epistemológicas e a abordagem Freud-Frankfurtiana. **Tese para Provimento Efetivo de Vaga**

de Professor Titular, Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Federal de Minas Gerais, Belo Horizonte, MG, Brasil, 2013.

PAULIUKONIS, M. A. L. Texto e discurso: os processos de desvendamento inferencial. In: **I Simpósio Internacional de Letras e Linguística (SILEL)**, 1., 2006, Uberlândia, Anais... Uberlândia: UFU, 2006.

SARAIVA, L. A. S.; CARRIERI, A. P. Por que simbolismo organizacional no Brasil? In: CARRIERI, A. P; SARAIVA, L. A. S. (Orgs.) **Simbolismo organizacional no Brasil**. São Paulo: Atlas, 2007. p. 1-11